**MEDIAÇÃO DE LEITURA: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A OBRA “NÓS” DE EVA FURNARI**

**Ozana Maria Alves**

Aluna da Pós-Graduação Lato Sensu - IFRN

**RESUMO:** Investigar a mediação e a interação mediante estratégias de contação e reconto de histórias e os sujeitos envolvidos na atividade de leitura é a proposta desse estudo. Embora muito se discuta sobre a utilização de diversas estratégias para mediar a leitura é necessário perguntarmos se os leitores envolvidos estão, de fato, construindo sentido para o texto e se essas leituras despertam prazer em ler. Na atividade trabalhamos o conto infanto-juvenil “Nós”, da escritora Eva Furnari. O livro conta a história da menina Mel, passada na cidade de Pamonhas, em um "tempo em que as pessoas nasciam em repolhos e que as bicicletas voavam". Dessa forma, este estudo caracteriza-se como sendo do tipo interpretativista, de cunho participativo e orientado por uma abordagem qualitativa. Para tanto, nos apoiamos nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1996), Barbosa (1994), Colomer (2007), Kleiman (2004), Marcusche (2008), Vygotsky (1984), Yunes (2009), entre outros. A partir da aplicação dessas estratégias de uma forma lúdica e prazerosa, o leitor amplia seus horizontes e abre caminhos para a aprendizagem, além de ajudá-lo a demonstrar e perceber suas capacidades, através da compreensão e interpretações feitas a partir do texto.

**Palavras-chave:** Contação e reconto de história. Mediação. Interação.

**INTRODUÇÃO**

A literatura Infanto-juvenil caracteriza-se por sua pluralidade de sentidos, por sua interação e recepção ativa com e por seus leitores. Assim, é necessário criar possibilidades de socialização da leitura, pois ela contribui para a construção da identidade do leitor, amplia sua visão de mundo e proporciona experiências significativas. Por ser uma relação com o outro, a leitura dialoga com todos os que a envolve, autor, texto, leitor e seu contexto, resultando em um processo de interação.

Reconhecendo a importância da literatura na formação do cidadão, como objetivo desse trabalho propomos investigar a mediação e a interação mediante estratégias de contação e reconto de história do livro infanto-juvenil intitulado “Nós”, da escritora Eva Furnari e os sujeitos envolvidos na aula de leitura literária.

Embora muito se discuta sobre a utilização de diversas estratégias para mediar a leitura, faz-se necessário perguntarmos se os leitores envolvidos estão de fato construindo sentido para o texto e se essas leituras despertam o prazer em ler. Mediante o que foi exposto pretendemos responder através desse estudo, os seguintes questionamentos de nossa pesquisa: Como a mediação de leitura literária infanto-juvenil influencia na eficácia da estratégia de contação de história? De que forma a interação entre texto, autor e leitor é refletida na estratégia de reconto?

Esse estudo justifica-se pela busca por compartilhar experiências diversas de mediação e interação de leitura literária com crianças e adolescentes do Centro Comunitário de Assistência Social da Legião da Boa Vontade – LBV em Natal. A LBV é uma entidade que atende a crianças, adolescentes, mulheres, idosos e famílias em situação de vulnerabilidade social, há 66 anos no Brasil e há 39 anos em Natal-RN.

A Legião da Boa Vontade – LBV, foi fundada em 1º de janeiro de 1950 por Alziro Zarur, hoje, seu diretor-presidente é o escritor, radialista e poeta José de Paiva Netto. A LBV é uma associação civil de direito privado, beneficente, filantrópica, educacional, cultural, filosófica, ecumênica, altruística e sem fins econômicos, reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho nas áreas da educação e da assistência social. Atua em prol de famílias de baixa renda, somando ao auxílio material os valores da Espiritualidade Ecumênica.

Nessas mais de seis décadas, o ideal de Boa Vontade inspirou também a atuação da LBV da Argentina, da Bolívia, dos Estados Unidos, do Paraguai, de Portugal e do Uruguai, nas quais as atividades são mantidas graças a doações da população local.

Trata-se de uma organização da sociedade civil com status consultivo geral no Conselho Econômico e Social (Ecosoc) das Nações Unidas, desde 1999, e associada ao Departamento de Informação Pública (DPI) da ONU, desde 1994. Essa condição permite à LBV participar e contribuir na discussão dos temas do Ecosoc em Nova York (EUA), em Genebra (Suíça) e em Viena (Áustria). Desse modo, a Instituição tem fraternalmente apresentado recomendações quanto à implementação de políticas públicas e ações humanitárias internacionais.

Em Natal, a LBV desenvolve vários programas, dentre eles, o Programa Criança Futuro no Presente, que ajuda a crianças e adolescentes a se reeducarem, haja vista que “a maioria delas vivem em áreas de risco social, dominadas pelas drogas e prostituição”, como afirma a Gerente da Instituição em Natal, Oderlânia Leite. Dentre as atividades realizadas nesse âmbito, destacam-se as oficinas que despertam habilidades e promovem a vivência de valores para a inserção sociocultural e o fortalecimento da cidadania; dentre as oficinas existentes estão: Orquestra e Coral, Ballet, Dança Contemporânea, Capoeira e Artes diversas.

A contribuição que esse trabalho pretende dar a área de conhecimento a qual se encontra vinculada é disponibilizar ferramentas que possam facilitar e proporcionar uma significativa interação entre leitor, texto, autor e mediador, haja vista nossa preocupação com a maneira de como se trabalhar a leitura literária infanto-juvenil em sala de atividade e com as estratégias utilizadas para que o leitor possa construir sentido para o texto e desenvolver o prazer pela leitura.

O nosso trabalho está organizado em quatro partes: a introdução onde apresentamos o tema, expondo a problemática, a justificativa, apresentamos nossas questões de pesquisa e objetivos.

A segunda parte consiste na revisão da literatura, ou seja, no quadro teórico que norteia nosso estudo, nele apresentamos algumas concepções de leitura, em seguida, abordamos algumas postulações acerca das estratégias de leitura e mediação. Para tanto, nos apoiamos nos pressupostos teóricos de Bakhtin (1996), Barbosa (1994), Colomer (2007), Kleiman (2004), Marcusche (2008), Vygotsky (1984), Yunes (2009), entre outros.

Na terceira parte, detalhamos os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados para a geração e análise dos dados, além da escolha dos sujeitos participantes desse estudo.

Na quarta parte, analisamos e discutimos os dados obtidos através da realização da atividade de leitura e a utilização das estratégias de conto e reconto.

Finalizamos, assim, com nossas considerações finais, onde foram apresentados os resultados de nossa análise, frente a esse trabalho.

**CONCEITOS DE LEITURA E DE MEDIAÇÃO DE LEITURA: ALGUNS APONTAMENTOS**

Partimos do entendimento deque a interpretação de um texto é uma construção, que parte da reflexão, do diálogo, da interação entre o autor, leitor e seus contextos, unido aos conhecimentos já existentes. Ou seja, no processo de compreensão leitora, o aluno/leitor assume um papel ativo, e, dessa forma, a sua contribuição para a construção de sentido é fundamental.

É com essa compreensão que optamos, nesta seção, em discutir a concepção de leitura, baseada numa abordagem interacionista da linguagem (BAKHTIN, 1996), envolvendo a perspectiva de mediação de leitura, (VYGOSTSKY, 1984).

Marcuschi (2008) defende também que a compreensão humana mantém uma dependência com a cooperação mútua, já que, ler, não consiste tão somente na decifração dos signos, esse processo abarca a constituição de sentidos que o autor pretende construir. “[...] é preciso ter um estoque mínimo, um repertório mínimo, para que seja possível identificar a importância de uma obra de um texto literário”. (BARBOSA 1994, p. 22). Deste enunciado destacamos a necessidade de uma leitura intervelar, encontrada na relação que une o que está escrito no texto, o contexto histórico da obra, as experiências e valores apresentados e os conhecimentos do leitor.

É através do texto literário que se pode realizar uma leitura plural, pois ela favorece ao leitor compartilhar sentidos, permitindo-lhe perceber suas novas descobertas e vislumbrar os encantamentos que ela oferece. Portanto é na escola que se introduz as práticas de leitura, assim como é nela que os alunos aprendem a desenvolver o gosto por compartilhar suas leituras a partir da recepção do sentido que provoca. Nesse sntido, Colomer (2007, p. 141), explica:

[...] compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da concepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la.

Desse modo, para desenvolver um trabalho com a leitura literária, com objetivo de alcançar resultados positivos e eficazes, principalmente na escola que é considerada como a ponte que liga o leitor/aluno ao texto, se faz necessário pensar na utilização de estratégias que favoreçam essa travessia.

Nesse sentido, Solé (1998, p. 90.), defende que as estratégias de leitura são instrumentos essenciais para o desenvolvimento da leitura proficiente. “Sua utilização permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e busca despertar o professor para a importância em realizar um trabalho eficaz, com fins de formar leitores independentes, críticos e reflexivos”. A autora ainda chama a atenção para não confundir a função de “via”, como “fim”, que as estratégias exercem na compreensão leitora. Na concepção de Kleiman (2004, p. 151).

Ensinar a ler, é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela previr o conteúdo, maior será sua compreensão; é ensinar a criança a se auto-avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – linguísticas, discursivas, enciclopédicas [...] é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo [...]. Isso implica em ensinar não apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência.

Conforme a autora, as estratégias partem das fontes de conhecimento do leitor. É importante mostrar caminhos para que o aluno aprenda a antecipar o conteúdo e pensar sobre o assunto do texto, valer-se das informações que o texto proporciona apelando para seus conhecimentos prévios e relacionando com o que foi exposto. E acima de tudo encontrar sentido naquilo que está lendo.

**PAUTANDO ESTRATÉGIAS DE INTERAÇÃO**

Assim como nos estudos de Vygotsky (1984) e de seus colaboradores, dos quais resultaram a abordagem interacionista, que destaca a importância da interação com o meio e com os outros sujeitos no processo de construção de conhecimento, sem negar o papel do próprio indivíduo nessa construção, é que se enfatiza neste estudo, o caráter social da atividade de contação e reconto de histórias.

A mediação de leitura requer estratégias que envolvam os leitores nessa atividade, tendo a oportunidade de desenvolver sua imaginação, criando relações de reciprocidade entre mediador e leitor. Para isto, é necessário descobrir o que gostamos de ler, o que nos faz escolher certa história e não outra. Partindo dessa questão, cabe ao mediador apresentar os leitores ao texto escolhido, tendo em mente que na literatura não existe dono, cada leitor fará suas interpretações. É isso que Yunes (2009) nos aponta, com a qual concordamos ao definir “a roda de leitura” como equivalente ao que autora nomeia de “círculos de leitura”:

Na proposta dos círculos de leitura, alcançamos, por assim dizer, as *segundas* histórias, ou seja, um momento em que a recepção do texto não influi a uma interioridade emotiva e de perplexidade apenas, amparada na voz do outro, mas aqui já se desdobra uma interatividade de ordem mais ampla entre o texto e diversos receptores, simultaneamente. (YUNES, 2009, p. 76).

As rodas de leitura proporcionam ao leitor construir essas “segundas histórias” de que fala Yunes (2009), pois o contato com o texto permite diferentes leituras e interpretações, com isso o resultado será uma gama de interatividade entre o texto, leitor e mediador.

Dialogando com essa mesma ideia, Petit (2008, p. 43) afirma que, “nessas leituras compartilhadas, a sensação é de haver pertencido a outros tempos em outros lugares, mas que é como se essa realidade estivesse próxima a nós e ao experimentar esta verdade do texto e da humanidade socializada, essa relação acaba se transformando em outros realidades.”.

O objetivo das rodas de leitura é compreender a essência do escrito num processo dialógico da linguagem (BAKHTIN, 2007). Por isso, é de crucial importância para o leitor construir seus próprios sentidos compartilhados com os do autor. Conforme Yunes (2009, p. 21), “ler em círculo não é novo: novo é o uso do círculo para aproximar os leitores na troca de suas interpretações”.

O tratamento dado à estratégia de contação de histórias, principalmente nas escolas, é observado, na maioria das vezes, como um momento de entretenimento e de descontração, no entanto, não se percebe que este momento favorece e desperta o senso crítico e criativo dos alunos, passando a ser uma oportunidade para formar leitores e produtores de textos e Zanotto (1996), ainda acrescenta:

Ao ouvir histórias, a criança desenvolve um esquema de texto narrativo, ela percebe que existe um começo, um meio e um fim e que o outro está contando algo que aconteceu, mesmo que seja um faz de conta e isso contribui para que a criança possa criar outras histórias. (ZANOTTO 1996, p. 5).

As histórias ajudam as crianças a lidar com seus medos e expectativas. “Ouvindo uma história, ela pode sentir uma diversidade de sensações, como, medo, raiva, alegria, tristeza, tranqüilidade, insegurança; tudo isso através dos personagens das histórias, o que contribuirá para que elas superem suas próprias angustias, como por exemplo a morte dos pais”. É através das histórias que as crianças podem viajar por diversos lugares e épocas e outros modos de ser e agir (ZANOTO, 1996, p. 5).

Ao ser recontada, a leitura amplia os horizontes do leitor, abre caminhos de aprendizagem, aperfeiçoa seus conhecimentos. “Recontar uma história pode ajudar a construir um sentido pessoal para a leitura, uma visão estética e ética da realidade” (BRASIL, 2010, p. 23). Para Gomes (2003), o reconto de histórias é o momento de “reversibilidade de papéis”, a vez de contar é passada para o aluno que dispõe da liberdade de se expressar de forma que alcance os objetivos do reconto, que poderia ser uma produção textual.

**CONTANDO E RECONTANDO OS NÓS**

As histórias de Eva Furnari suscitam a simpatia do leitor que experimenta com ela as dificuldades de afirmação no mundo adulto. O conto “Nós” envolve realidade e ficção, partindo-se do pressuposto de que na realidade somos diferentes uns dos outros, nela, as crianças são estimuladas a usar sua imaginação.

A linguagem da autora é simples facilitando assim o entendimento por parte das crianças, além de apresentar lindas gravuras que aguça a curiosidade e desperta o interesse por ler e reler a história.

Para realizar a contação da história, nos preocupamos em transmitir o conto com emoção, pois isso proporciona tanto ao mediador quanto ao ouvinte, um sentimento de realidade das passagens que o texto traz, (SULEIMAM, 1983, *apud* JOUVE, 2002, p.132).

Procuramos, assim, contar a história utilizando algumas estratégias, como: expressões corporais, entonação da voz, velocidade da leitura, dentre outros. Dessa forma, utilizamos alguns procedimentos para a contação: alternância na tonalidade da voz, hora aumentava-se, hora diminuía-se; aproveitamento do espaço disponível, ou seja, não ficávamos parados em um único lugar buscamos demonstrar os sentimentos e ações que o conto trazia, como: tristeza – Alegria – correr – Nadar – Vergonha - , além de vestir um figurino de contador de histórias e utilizar os objetos que apareciam no conto, como: nós – que foram feitos com barbante e creme para passar no dedo.

Os dados da pesquisa foram coletados através de filmagem de todas as etapas da atividade. Utilizamos também como instrumento um diário de pesquisa onde foram anotados todos os passos da atividade e por último, o reconto escrito, realizado pelos sujeitos no final da atividade.

No momento da contação da história, as crianças sentiram-se entusiasmadas pelas estratégias utilizadas e pelo conto, pois em alguns momentos eles entraram na história como personagens, que foi o caso da vaca e do garoto Kiko. Percebemos que na medida em que contávamos os acontecimentos do livro, os ouvintes se aproximavam para ver, tocar e estar mais perto do conto, era como se eles quisessem entrar literalmente na história.

De acordo com o momento experienciado com a mediação do conto oral, consideramos que as estratégias utilizadas para mediar a leitura foram produtivas, pois, constatamos que houve interação entre os interlocutores e, posteriormente, uma compreensão acerca do texto trabalhado, o que se evidencia com os pressupostos de Villard (1999, p. 37 ) “ler é atribuir sentido”.Assim, os alunos atribuíram sentido e expressaram compreensão acerca da atividade desenvolvida

Analisamos aqui a interação dos participantes da atividade de contação de história e reconto. Para tanto, escolhemos alguns deles, os quais interagiram de diversas formas, assim, daremos nomes fictícios aos sujeitos e transcreveremos fidedignamente, a interação oral e escrita. Sujeito1 (Antônio), suj 2 (Maria), suj. 3 (Carlos), suj. 4 (Ana) e suj. 5 (Beto), a pesquisadora será denominada (P), utilizamos (T), no momento em que a maioria ou todos, interagem e (A) para anônimo, sujeito não identificado.

Antônio tem 12 anos de idade, carismático, atento, inteligente, participativo, curioso, fala em momentos oportunos durante a atividade, porém não interage com todos, demonstra interesse em aprender. A interação de Antonio será explicitada apenas no reconto escrito.

Maria, outra participante é uma criança de 9 anos, esteve o tempo todo interagindo, perguntando, comentando, dialogando com os colegas, conosco, interferindo na fala dos companheiros, queria ser sempre a primeira a falar.

Tina 8 anos, a princípio, mostrou atitude desatenta, inquieta e desinteresse para com a atividade. Contudo, no transcurso da atividade desenvolvida, observamos que ele participou de todas as etapas.

Observamos que Ana 10 anos não comentou nada explicitamente no momento da contação da história, porém compartilhou seu entendimento muito bem no reconto oral e escrito.

Beto, 7 anos, o quinto e último participante que foi analisado, manteve-se inquieto durante a atividade, queria falar, mas parecia não ter confiança em si mesmo, apesar de haver participado da história.

*Episódio 1*

P: *A história que vocês irão conhecer é de uma menina chamada Mel. O que vocês acham de que irá tratar essa história*

A: *Não sei*

Maria: *Eu acho que ela não tem muitas amigas*

A: *Eu também!*

A: *Eu acho o mesmo!*

P: *Por quê?*

A: *Por que ela tá triste!*

P: *Quem acha algo diferente do que já foi dito?*

Maria: *Antônio!*

Maria: *E pra que esse negócio ali? (apontando para os pedaços de barbante e o vidro com hidratante, que seriam utilizados na história).*

P: *Você vai saber agora...*

Percebemos, nesse primeiro episódio, a interação de Maria, na tentativa de adivinhar o que seria revelado após aquele questionamento sobre a menina chamada Mel, bem como, a complementação da resposta de Maria feita por outras crianças. Utilizando-se da leitura da imagem do livro, onde Mel se encontra cabisbaixa, acompanhada apenas de borboletas e com aspecto de tristeza, Maria lança rapidamente sua opinião.

No transcurso do conto, quando falou-se da cidade de Pamongas, algumas crianças se olharam e rindo repetiram o nome da cidade, achando aquela palavra estranha e diferente.

*Episódio 2*

T: *Pamongas!*

P: *No outro dia, Mel sentiu um repuxo no dedo da mão, o que será que tinha acontecido?*

Ana: *Era um nó!*

P: *Nasceu...*

Ana: *Outro nó!*

P: *Os chatos vieram com a mesma conversinha... e quando pensou que não!*

Ana: *Nasceu outro nó... dois nós! (Ana tentava adivinhar o total de nós que já haviam nascido em Mel)*

P: *O* *tempo foi passando e Mel já tinha... (Ana interrompeu!)*

Ana: *Quatro nós!*

P: *Mel já tinha...*

Ana: *Cinco nós! Seis nós!*

A: *Tem mais dois ali... (Apontando para os barbantes que iriam tornar-se nós)*

A: *Aquele outro num presta não!*

Maria: *Ainda tem mais outro?*

A: *Espere menina!*

P: *Mel já tinha seis nós!*

P: *Certa noite, Mel acordou com um repuxinho, adivinhem aonde?!*

Maria: *No nariz!*

T: *(Risadas)*

Nesse episódio observamos Ana entusiasmada para saber quantos nós já haviam nascido no corpo de Mel. O suspense no momento de falar o número de nós aumentava, na medida em que as crianças ficavam cada vez mais na expectativa do acontecimento, que naquele momento parecia não ter fim.

No decorrer da história, algumas crianças já se aproximavam para perto da história, querendo ver, o que tinha no livro, olhar de perto os nós e até tocá-los. Outras crianças ficaram um pouco dispersas, porém no momento em que na história, as borboletas de Mel pareciam que estavam dançando e ela cantou uma música, convidei as crianças para cantar uma canção que falasse de borboletas, e elas cantaram:

*Episódio 3*

T: *Borboletinha, tá na cozinha fazendo chocolate para a vovozinha...*

P: *E Mel deu um grito de alegria!*

P: *aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!*

T: *(Risadas)*

Depois deste momento, as crianças ficaram mais inquietas, porém, conseguimos concluir a atividade. Ana saiu do lugar que estava e foi abraçar uma de suas colegas; Tina também saiu do lugar onde estava e ficou mexendo nos objetos da sala, seguido de reclamações de alguns colegas de sala; Beto, queria colocar os acessórios que a (P) estava utilizando. Convidamos Beto para fazer parte da história, o mesmo fez o papel da vaquinha e quando foi anunciado, todos riram, o menino também, no início ficou meio tímido, mas depois gostou do seu personagem.

*Episódio 4*

Maria: *O do nariz saiu!*

Maria: *Saiu o nó do nariz!*

P: *Venha Matheus fazer parte da história, você será Kiko!*

A: *Kiko é o nome do meu primo!*

Maria: *Cuida Matheus (o menino demorou...)*

Beto: *E se ela chamar tu?! (referindo-se a Maria)*

Maria: *Eu vou!*

Beto: *Vai, vai, vai, Matheus!*

Percebe-se a preocupação de Maria com o nó do nariz, que em algum momento havia caído no chão e (P) não havia percebido. É relevante destacar a associação que uma das crianças faz do nome do personagem da história, Kiko, com o nome do primo, o que faz com que a criança mantenha uma certa afetividade com o então personagem.

A euforia das crianças no momento que foram convidadas para fazerem parte da história foi perceptível. Demos continuidade à história e houve um momento em que Mel conseguiu chorar, e chorou de mansinho e depois bem alto. Nessa hora as crianças riram muito e todos fizeram parte do conto como moradores de Nerengue. As crianças, que estavam com um barbante em mãos fizeram um nó em seu corpo, e diziam: *Já tenho um nó aqui*! *Eu tenho no braço! Eu tenho cinco! Eu tenho dois! E Tina falou: Eu tenho nó na orelha!* Vemos, aqui a ousadia e criatividade da criança em reinventar outras histórias.

Ao terminar a contação, todos bateram palmas e fizeram expressões de que haviam gostado da história. Em seguida, convidamos os sujeitos a recontarem o conto e expressar o que mais havia lhe chamado a atenção. Todos falaram, porém muitos apenas com uma palavra. Convidei três crianças para recontarem a história e além de Beto, foram mais duas meninas. Beto colocou um dos acessórios que (P) havia dado poderes mágicos a eles, e as outras duas crianças também. Beto ficou à frente e nada falou, as outras duas resumiram a história e conseguiram construir sentido para o conto.

Desse modo, para aproveitar melhor os resultados da compreensão da leitura, pedimos que as crianças escrevessem a parte da história que mais havia chamado sua atenção, que mais havia gostado e transcrevemos fidedignamente abaixo:

**ANTONIO**

*A parte que ela conheceu um garoto que tinha uma bicicleta voadora que fez com que ela gostasse do jeito que ela era fazendo com que ela reconhecesse as suas diferenças numa cidade chamada “Nerengue”.*

**MARIA**

*Eu gostei da parte que mel se escondia na geladeira envergonhada e foi para um lugar bem destante e encontro uma vaca e mandou a vaca alevanta a cabeça e perguntou se ela queria ser a amiga dela e a vaca não respondeu então mel amarrou um nor no rabo da vaca e a vaca começou a corre e mel pidiu discupa e então ela saiu correndo e foi para outro lugar (FIM)*

**TINA**

*Eu gostei da Parte que Ela deitou na grama E Falou com as Estrelas depois saiu um nó na perna direita não perseBêu depois Ela Dormiu muito mais do que tudo no mundo.*

**ANA**

*Eu gostei da parte que a menina mel voal na bicicleta e conheceu varios lugares e deu carona para as pessoas, e tambem da parte que o menino levou ela para conhecer a cidade onde ele morava e la tinha varias pessoas com nós em todo canto e mel ficou muito feliz porque ela saio da cidade onde todos umaltratava ela adorou muito a cidade do menino e ela ficou feliz para sempre na cidade de nerengue.*

**BETO**

*A PARTE DA BICICLETA PORQUE VOAVA NO CEU*

Foi no reconto escrito que muitos tiveram a oportunidade de chegar mais perto da história e poder senti-la de fato, com isso, a leitura tornou-se prazerosa para as crianças, pois foi justamente naquela ocasião que o texto lhes permitiu mostrar sua capacidade de interpretação do conto ao seu modo. De maneira geral chegamos à conclusão de que, o reconto escrito consistiu em uma estratégia muito valiosa para chegarmos aos resultados desse estudo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No que tange à estratégia de conto, os alunos- sujeitos interagiram de acordo com o que o momento exigiu. Permaneceram atentos a cada palavra do texto lido em português e contado em espanhol. No momento da contação da história, as crianças revelaram, através de sua interação com os acontecimentos, que a leitura proporcionou uma compreensão textual dinâmica, ao mesmo tempo em que construíam sentido para a leitura. Ademais as gravuras relacionadas ao texto ajudaram esse momento de interação, pois os sujeitos da pesquisa construíram e reconstruíram essas imagens em suas mentes e, posteriormente, no reconto escrito, identificando, os personagens e sentindo-se parte de seus mundos.

O reconto oral e escrito constituiu em uma ferramenta indispensável para confirmar alguns aspectos da história, como por exemplo, a seqüência lógica dos acontecimentos, bem como a compreensão individual de cada sujeito, que demonstrou identificar-se com a história e conseguiram inserir-se nela, construindo sentido para a mesma. O reconto escrito além de haver possibilitado aos alunos revelarem sua capacidade de interpretação do texto, mostraram que as estratégias de conto e reconto são de fato, muito positivas para criar um ambiente onde a finalidade é estabelecer a interação entre os participantes.

Dessa forma, as estratégias de conto e reconto contribuem, de maneira geral, para formar leitores críticos, reflexivos, que rompem com as barreiras da realidade acumulando experiências e, assim, preparando-se para enfrentar os próprios conflitos de forma crítica e criativa.

Por fim, desejamos que as discussões feitas e os resultados alcançados através dessa pesquisa sirvam para outros pesquisadores que estudam sobre leitura a desenvolverem de forma satisfatória o processo de ensino e aprendizagem com as estratégias de conto e reconto de histórias.

**REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais no método

sociológico na ciência da linguagem. 8. ed. Sao Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_**Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOSA, A. J. **Literatura nunca é apenas literatura**. São Paulo: FDE, 1994.

BRASIL. Percursos de aprendizagens: leitura e reconto - A Rede em rede : a formação continuada na Educação Infantil / SME– São Paulo : SME / DOT, 2010.

COLOMER, T. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

GOMES, S. S. N. Recontando histórias na escola:gêneros discursivos e produção da escrita. **Recontando histórias – um evento de produção escolar da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela**. Leitura**: ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, SP: Parábola, 2008.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VILLARD, R. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor:** uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

ZANOTTO, do C. A. M. **Recontar histórias**. Revista do professor. Porto Alegre, 2003.